

PRESOS NA CILADA DA GLOBALIZAÇÃO: O SUJEITO DIASPÓRICO EM DOIS CONTOS DE KAREN YAMASHITA

Cláudio Braga*

Gláucia Renate Gonçalves**

Resumo: Neste artigo, discutimos o sujeito diaspórico representado ficcionalmente em dois contos da escritora nipo-estadunidense Karen Tei Yamashita (2001), publicados na coletânea *Circle K Cycles*. A obra, que retrata uma formação diaspórica brasileira no Japão, no ano de 1997, é analisada por meio das teorias da globalização e da diáspora. Após problematizarmos os fluxos culturais globais e sua atuação sobre o sujeito diaspórico, concluímos que os mecanismos de controle da globalização muitas vezes incidem de forma traumática sobre o sujeito diaspórico, afetando sua autoestima, intensificando seus conflitos identitários e até mesmo ameaçando sua integridade física.

Palavras-chave: sujeito diaspórico, globalização, Karen Tei Yamashita.

■ **A** definição de diáspora se constrói, segundo teóricos como James Clifford (1994) e Robin Cohen (1999), a partir de dois aspectos consensuais: é um fenômeno de dispersão populacional de grupos que partem de um único centro ou terra natal, deslocando-se para no mínimo duas ou mais regiões estrangeiras. No cerne das discussões sobre diáspora, está o sujeito diaspórico, um objeto de análise cada vez mais frequente em pesquisas acadêmicas. Para Sudesh Mishra (2006, p. 86, tradução nossa), “o sujeito diaspórico, em suas identificações múltiplas, é tido como o promotor de uma alternativa

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).

** Doutora em Letras pela University of North Carolina. Professora associada da UFMG.

revolucionária à estabilidade das formações identitárias étnicas e nacionalistas”¹. Desse modo, o sujeito diaspórico constitui uma espécie de ilustração inequívoca da chamada fluidez das identidades, construídas nas experiências de deslocamento. Neste trabalho, o sujeito diaspórico é examinado por meio de sua representação nos contos “Three Marias” e “Hantai”, publicados na coletânea *Circle K Cycles*, da escritora nipo-estadunidense Karen Tei Yamashita (2001).

Nascida na Califórnia, Yamashita é neta de japoneses que imigraram para os Estados Unidos, na passagem do século XIX para o XX. É autora dos romances *Through the Arc of the Rain Forest* (1990)², *Brazil-Marú* (1992) e *Tropic of Orange* (1997), além das coleções *Circle K Cycles* (2001) e da recente *I Hotel* (2010). Escreveu ainda as peças de teatro *Hannah Kusoh*, *Noh Bozos* e *O-Men*.

No conjunto, sua obra descreve um mundo marcado pelo hibridismo cultural e pela mobilidade intensa, típicos dos tempos de globalização. Enfatiza, entre outras coisas, os conflitos decorrentes do encontro de culturas distintas, compostas por comunidades e sujeitos instáveis e fluidos, que desestabilizam as noções ortodoxas de fronteira geográfica e cultural.

A biografia da escritora nos mostra que ela própria se insere nesse contexto. A imigração de seus antepassados japoneses para os Estados Unidos determina sua nacionalidade, mas Yamashita, desde cedo, optou voluntariamente pela mobilidade através das fronteiras. Morou no Japão no início dos anos 1970, com o objetivo de pesquisar sua genealogia. Em 1975, recebeu uma bolsa de estudos para investigar a imigração japonesa no Brasil. Veio para uma temporada de seis meses, mas terminou permanecendo nove anos, onde se casou e teve dois filhos, retornando aos Estados Unidos em 1983.

Em meio a aspectos globalizantes e híbridos, destaca-se, tanto na produção literária quanto na biografia da autora, um interesse pela cultura brasileira, despertado pelo período vivido no Brasil. Três de seus livros trazem personagens, enredos, tempos e espaços brasileiros ou relacionados ao Brasil. Na perspectiva plural de Yamashita, o Brasil e os brasileiros formam um conjunto variado, cuja abordagem criativa chama a atenção do leitor brasileiro.

Circle K Cycles, coleção que traz os contos mencionados neste artigo, conta histórias sobre brasileiros no Japão, escritas após a autora ter passado uma temporada convivendo com a comunidade decasségui³ de Seto, próxima a Nagoya, em 1997. As experiências desse grupo constituem um exemplo da diáspora brasileira ocorrida nas últimas décadas do século XX, com imigrantes em países como Estados Unidos, Paraguai, Inglaterra e Japão, cenário das histórias que abordamos. No conto “Three Marias”, o protagonista Zé Maria é um nipo-brasileiro que é convencido a ir trabalhar no Japão, após acreditar em falsas promessas de remuneração, trabalho e moradia dignos. Em terras japonesas, ele percebe o engodo, mas está endividado demais com as despesas da viagem. O trabalho nas fábricas é cada vez mais estressante, até que Zé Maria, exausto, sofre um acidente, em que três dedos da mão são mutilados. A partir daí, ele conhece as três Maria. Maria da Conceição é uma ativista de direitos trabalhistas internacionais, que o conscien-

1 “the diasporic subject, in its multiple identifications, is assumed to promote a revolutionary alternative to the stabilities of ethnic and nationalist identity formations.”

2 *Through the Arc of the Rain Forest* deu a Yamashita os prêmios literários Janet Heidinger Kafka Prize e o American Book Award. Em português, recebeu o título *Matacão, uma lenda tropical*, tradução de Cristina Maria Stevens.

3 Decasségui é um termo que designa trabalhadores temporários no Japão, assumido pela comunidade brasileira como autodenominação.

tiza e o envolve na luta pelos trabalhadores brasileiros no Japão. Nessa atividade, ele conhece Maria Madalena, por quem se apaixona. Esta é a segunda Maria, que o seduz e depois o torna presidente de uma associação de trabalhadores brasileiros. Quando a trapaceira Maria Madalena desaparece com o dinheiro de cem trabalhadores, Zé Maria é acusado pelo roubo e pede socorro à Maria da Graça, funcionária da Embaixada do Brasil. Ao ouvir da burocrata que nada poderia ser feito, ele se desespera e agride a terceira Maria. Zé Maria, então, é mandado de volta ao Brasil, a fim de cumprir pena por atacar a funcionária.

Mais complexo, “Hantai” é um conto sem um protagonista definido. A palavra-título, que significa de pernas para o ar, sugere a confusão em que se encontram as personagens. O enredo central é propositalmente entrecortado por seis pequenas histórias, que se alternam entre si, aumentando a noção de caos expressa pelo título. O leitor conhece fatos das vidas de José e Iara, crianças brasileiras que enfrentam preconceito na escola japonesa, de adultos, como Célia, Alice, Fátima e Mário, tentando sobreviver de pequenos negócios, e do casal Sérgio e Yoshico, cuja relação está ameaçada pelo alcoolismo do marido. Todas as personagens estão vinculadas por parentesco ou por serem vizinhos. É o drama de Sérgio que destacaremos mais adiante, neste artigo.

A abordagem do sujeito diaspórico, principalmente por meio da análise de Zé Maria e de Sérgio, é uma tarefa que tem respaldo no princípio de que diásporas são heterogêneas, não são fixas nem perenes, e sua teorização “está sempre inserida em mapas e histórias específicos” (CLIFFORD, 1994, p. 215, tradução nossa)⁴. Por consequência, cada diáspora implica um processo específico de construção de sujeitos. Investigá-los requer um uso particular de ferramentas teóricas que lhes sejam pertinentes. O sujeito diaspórico, nos contos que mencionamos neste artigo, é moldado por processos de identificação que ocorrem em espaços e tempos contemporâneos: o meio urbano japonês, no ano de 1997. É um sujeito que se constrói na conjuntura da globalização.

Para apreender o contexto que cinge o sujeito diaspórico, partimos da delimitação do conceito de globalização e seus aspectos principais, reunindo as ideias de Roland Robertson (1987), Anthony D. King (1997) e John Tomlinson (1999). Delimitar e problematizar o conceito de globalização requer um discernimento dos significados que o termo adquiriu no debate acadêmico. King (1997) leva em consideração os perigos das formulações simplificadas em relação ao termo globalização, partindo das definições de mundo e globo encontradas no *Oxford English Dictionary*. Para definir mundo, são necessárias quatro páginas, ao passo que o conceito de globo ocupa apenas meia página no dicionário: “Globo [...] tem uma conotação mais limitada, referindo-se, mais especificamente, à terra ou ao globo terrestre” (KING, 1997, p. 11, tradução nossa)⁵.

Robertson (1987), por sua vez, oferece alguns possíveis caminhos na tentativa de explicar o fenômeno. Para ele, a globalização começa com o surgimento da condição humana global e a consciência do global em si, podendo ser definida como “a cristalização do mundo inteiro como um espaço único” (ROBERTSON, 1987, p. 38, tradução nossa)⁶. O termo *crystallization* sugere, em inglês, pelo menos dois sentidos. No *The American Heritage Dictionary of the English Language* (2006, p. 1, tradução nossa), o verbo *crystallize* é o mesmo que “dar uma forma

4 “is always embedded in particular maps and histories.”

5 “Globe [...] has a more limited connotation, referring more specifically to the earth or terrestrial globe.”

6 “the crystallization of the entire world as a single space.”

definida, precisa e, geralmente, permanente”⁷. Entretanto, o *Macmillan English Dictionary for Advanced Learners* (2007, p. 358, tradução nossa) sugere que o ato de cristalizar-se é “tornar-se definido ou compreendido facilmente”⁸, definição que não encerra a ideia de estagnação ou fixidez. Assim, a globalização vista como a cristalização do mundo em um único espaço, nos termos de Robertson (1987), se refere à conscientização do homem contemporâneo sobre o mundo como um todo.

Parece-nos óbvio que o ser humano de hoje esteja ciente da existência do globo, mas como e por que ocorre tal processo de conscientização? A mobilidade global e a interconectividade nos ajudam a responder. Tomlinson (1999, p. 2, tradução nossa) desenvolve o conceito de conectividade complexa, expressão utilizada para se referir a múltiplas articulações em escala mundial, “que variam desde as relações socioinstitucionais que proliferam entre indivíduos e coletividades mundo afora até a ideia de ‘fluxo’ crescente de mercadorias, informações, pessoas e práticas, através de fronteiras nacionais”⁹. Tomlinson (1999) assinala ainda que a conectividade complexa se dá através de meios concretos como o transporte aéreo internacional ou de sistemas eletrônicos de comunicação. Assim, o autor define que “globalização se refere à rede de interconexões e interdependências, em rápido desenvolvimento e cada vez mais densa, que caracterizam a vida social moderna” (TOMLINSON, 1999, p. 2, tradução nossa)¹⁰.

Se a constatação de uma crescente interconectividade no mundo contemporâneo é inequívoca, o estudo de suas implicações, porém, revela sua complexidade. Appadurai (1999) é quem mais especificamente identifica a dinâmica da globalização, ao propor que pensemos o mundo contemporâneo como resultado de fluxos globais que se cruzam, representados por meio de cinco cenas ou paisagens: *ethnoscapes*, *mediascapes*, *technoscapes*, *finanscapes* e *ideoscapes*. Cunhados por Appadurai (1999, p. 221-222, tradução nossa), esses termos se referem, respectivamente, aos fluxos de pessoas, de informação e imagens midiáticas, de tecnologia, de capital e de ideologias, sempre em escala global:

*Uso os termos com o sufixo comum -scape para indicar, primeiramente, que não implicam relações predeterminadas de forma objetiva, que parecem o mesmo de todos os ângulos de visão, mas são, mais propriamente, construtos profundamente perspectivais, muito flexionados por situabilidades linguísticas e políticas, de diferentes tipos de atores*¹¹.

As *scapes* ou paisagens, assim chamadas por Appadurai (1999, p. 221, tradução nossa), retratam um mundo de “disjunções entre economia, cultura e política”¹². Por ser específica para cada contexto, a disjunção é dotada, como relata Appadurai (1999), de perspectivismo, flexibilidade e situacionismo, não podendo ser simplificada por meio de oposições binárias como centro e periferia ou ocidente e oriente. Em outras palavras, tais paisagens constituem “fluxos não

7 “To give a definite, precise, and usually permanent form to.”

8 “To become definite or easily understood.”

9 “varying from the social-institutional relationships that are proliferating between individuals and collectivities worldwide, to the idea of increasing ‘flow’ of goods, information, people and practices across national borders.”

10 “globalization refers to the rapidly developing and ever-densening network of interconnections and interdependences that characterize modern social life.”

11 “I use terms with the common suffix *scape* to indicate first of all that these are not objectively given relations which look the same from every angle of vision, but rather that they are deeply perspectival constructs, inflected very much by the historical, linguistic and political situatedness of different sorts of actors.”

12 “disjunctions between economy, culture and politics.”

isomórficos” (KING, 1997, p. 11, tradução nossa)¹³. Mishra (2006, p. 157, tradução nossa), ao discutir o pensamento de Appadurai (1999), concorda que as paisagens se “relacionam umas com as outras de formas profundamente disjuntivas e fortuitas”¹⁴. A noção de disjunção talvez seja a principal contribuição do ensaio de Appadurai (1999), sendo também denominador comum entre diversos teóricos. A partir do conceito de disjunção, cada caso estudado revela-se peculiar, sendo útil aos estudos da diáspora, entre outros.

No caso específico de *Circle K Cycles*, Yamashita retrata o sujeito diaspórico em seu ambiente de trabalho e, portanto, ligado a questões econômicas relativas ao contexto até aqui discutido. Em *Diaspora Criticism*, Mishra (2006, p. 147, tradução nossa) destaca que o mundo passa por uma “virada” econômica em que formas nacionais de acumulação de capital estão sendo suplantadas por práticas transnacionais (como a terceirização de serviços para a indústria) que anunciam um sistema mundial integrado¹⁵. Ao mesmo tempo, a crença na integração mundial como consequência da globalização é criticada pelo autor, que vê os fluxos globais contemporâneos como geradores de disparidades e desequilíbrios, bastante semelhantes àqueles retratados na obra de Yamashita. Mishra (2006) acredita que uma “globalização unilateral” é ditada pelos países do G8, beneficiando certos segmentos internos dessas nações. Ao mesmo tempo que esses países se beneficiam, em países periféricos surgem “exércitos maciços de mão de obra reserva” (MISHRA, 2006, p. 151, tradução nossa)¹⁶. A relação que Mishra (2006) estabelece entre as formas modernas de dispersão social e a globalização tem implicações diretas para a migração em larga escala por razões de trabalho, incluindo, portanto, as diásporas que possuem essa motivação, como é o caso dos decasségus brasileiros.

Cohen (1997) destaca alguns exemplos de indivíduos das chamadas *labour diasporas*, ou diásporas do trabalho, que são bem-sucedidos. Há uma minoria na diáspora que dá início a pequenos negócios e ascende a certo nível educacional e material, fazendo que o teórico argumente que “diasporização” e globalização são fenômenos separados, “mas que combinam extremamente bem” (COHEN, 1997, p. 175, tradução nossa)¹⁷, pois as diásporas estariam preparadas para as mudanças constantes do mundo globalizado, sendo capazes de se adaptar e de se beneficiar delas. No entanto, um exemplo clássico das diásporas do trabalho é o caso dos indianos, discutido por Cohen (1997, p. 64-65, tradução nossa) e por ele assim descrito: “eram postos em alojamentos coletivos, sujeitos a um regime penoso e separados do resto da sociedade na qual se encontravam”¹⁸.

No âmbito ficcional, Yamashita também aborda as diásporas do trabalho, chamando a atenção não só para as condições difíceis desses trabalhadores, mas também contribuindo ao ilustrar em sua obra uma diáspora ainda pouco explorada como tal: os decasségus brasileiros. Um conto em particular que se presta a essa discussão é “Three Marias”. Zé Maria, protagonista e narrador, se vê diante de situações que cerceiam sua liberdade e limitam suas possibilidades de

13 “non-isomorphic flows.”

14 “relate to one another in profoundly disjunctive and fortuitous ways.”

15 “an economic ‘turn’ whereby national forms of capital accumulation are being supplanted by transnational practices (such as the outsourcing of service industries) that herald an integrated world system.”

16 “massive armies of reserve labour.”

17 “but they ‘go together’ extremely well.”

18 “were housed in mass barracks, subjected to a harsh regime and separated from the rest of society in which they found themselves.”

sucesso na condição de trabalhador temporário. As amarras e os limites são configurados clara e especificamente em um contexto contemporâneo globalizado. A diáspora brasileira retratada na obra é submetida a um sistema – denominado Programa de Sete Pontos – que visa controlar aqueles que se submetem às condições de trabalho e de vida no Japão. O nome dado ao programa deriva de seus sete agentes: o governo japonês, juntamente com as grandes empresas, as empreiteiras, as agências de viagem, os bancos, as agências de despachos, as companhias telefônicas e os jornais (YAMASHITA, 2001, p. 33-34). O princípio de tudo é a necessidade de mão de obra barata no Japão, que faz que as grandes corporações japonesas pressionem o governo para que autorize a entrada de descendentes japoneses e suas famílias, e os sete agentes são responsáveis pela exploração e pelas más condições vividas pelos decasségus.

Nesse aspecto, a conjuntura do sujeito diaspórico no Japão se assemelha ao que Mishra (2006) chamou de “virada econômica”, para designar a prática transnacional semelhante à que vemos ilustrada em “Three Marias”. Ao autorizar a imigração de brasileiros para suprir necessidades econômicas da indústria no território japonês, o governo promove a formação de uma diáspora brasileira no Japão. Tal deslocamento transnacional está inserido do contexto dos *ethnoscapes*, de Appadurai (1999, p. 222, tradução nossa), definido como:

*[...] a paisagem de pessoas que constituem o mundo inconstante em que vivemos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e qualquer grupo ou indivíduo em movimento que constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afetar a política das nações e entre elas a um grau sem precedentes até o momento*¹⁹.

Por meio dessa definição, Appadurai (1999) enumera todas as categorias de deslocamento humano ocorridas a partir das últimas décadas do século XX, como se desejasse abarcá-las em um único termo. Em uma primeira instância, isso pode dar a entender que a teoria de Appadurai (1999) é generalizante demais, não sendo útil para o exame das especificidades de uma formação diaspórica brasileira no Japão, como ilustrada em “Three Marias”. Entretanto, o conceito e a discussão das *ethnoscapes* de Appadurai (1999) contribuem para situar a diáspora representada na obra de Yamashita em relação à complexidade do mundo globalizado, cuja heterogeneidade é desenhada a partir de um emaranhado composto também pelos outros tipos de fluxos culturais globais ou *scapes*.

Com a anuência do governo japonês a serviço das corporações, o deslocamento de brasileiros para o Japão ocorre e opera de acordo com o Programa dos Sete Pontos. A atividade das empreiteiras que fornecem essa mão de obra decasségui é ilegal, “mas as grandes empresas não querem ter o trabalho de contratar decasségus. Então, o governo, controlado pelas grandes empresas, faz vista grossa” (YAMASHITA, 2001, p. 33, tradução nossa)²⁰. A avaliação da personagem Zé Maria, indignado, é a mesma apresentada por Mishra (2006), que discorre sobre a terceirização do trabalho em escala global como forma de baratear os custos operacionais.

Os operários brasileiros no Japão não têm direitos trabalhistas e recebem salários menores que os pagos aos cidadãos japoneses. Esse cenário, até agora insti-

¹⁹ “the landscape of persons who constitute the shifting world in which we live: tourists, immigrants, refugees, exiles, guestworkers, and any moving groups and individuals that constitute an essential feature of the world, and appear to affect the politics of and between nations to a hitherto unprecedented degree.”

²⁰ “but businesses don’t want the trouble of hiring dekasegi. So Government, controlled by business, looks the other way.”

tuído pelo governo japonês, por grandes empresas, empreiteiras e decasségus, reforça a ideia de globalização unilateral que, nos termos de Mishra (2006), favorece apenas um dos lados. Em caso de desaceleração da atividade econômica, trabalhadores na diáspora são descartados e manipulados com “programas de incentivo” de retorno ao país de origem, sob a alegação de que não há mais empregos²¹.

Zé Maria também descreve o papel das agências de viagem, bancos, agências de despachos, companhias telefônicas e jornais como agentes do Programa de Sete Pontos. Juntos, são instrumentos que favorecem a fruição de pessoas, capital, informação, imagens midiáticas e notícias, em condições que fogem ao previsível, conforme argumenta Appadurai (1999). Os bancos, por exemplo, proporcionam a circulação de capital em escala global ou *finanscapes*, uma paisagem que Appadurai (1999, p. 223, tradução nossa) considera difícil de acompanhar em razão da rapidez cada vez maior com que ocorre:

Mercados de moeda corrente, bolsas de valores nacionais e especulações sobre commodities movimentam um supercapital por meio de catracas nacionais em velocidade ofuscante, com implicações vastas e absolutas para pequenas diferenças de pontos percentuais e unidades de tempo²².

A explicação de Appadurai (1999) para esse conceito descreve transações financeiras de grandes proporções, comandadas por uma elite econômica global que tomou conta do mundo nas últimas décadas. Porém, a economia gerada pela força de trabalho diaspórica não é nada desprezível: “Somando tudo, são 2 bilhões de dólares, meu amigo! Negócio é negócio” (YAMASHITA, 2001, p. 34, tradução nossa)²³, diz Zé Maria ao avaliar a movimentação do envio de dinheiro dos brasileiros para suas famílias.

A história de Zé Maria, ilustrando ficcionalmente o contexto contemporâneo e globalizado do sujeito diaspórico, retrata ainda condições precárias de moradia. Se o sujeito da diáspora indiana é instalado em alojamentos coletivos, segundo Cohen (1997), com os brasileiros de “Three Marias” a situação não é muito diferente. Eles também são iludidos por falsas promessas de moradia digna, só descobertas depois: “Chegando ao Japão, a empreiteira mandou alguém buscá-lo, colocaram-no com outros sete homens em um apartamento de dois cômodos, um bangalô de latão pré-fabricado” (YAMASHITA, 2001, p. 35, tradução nossa)²⁴. É Zé Maria quem vivencia essa decepção. Ele cogita reclamar da forma como é instalado, mas, em uma semana, não mais percebe a presença dos outros homens, por estar excessivamente cansado.

Além do alojamento precário e da longa jornada de trabalho, o sujeito diaspórico somente desempenha tarefas perigosas nas fábricas: “Eles giram em torno dos três Ks: Kitanaí, Kitsui e Kigen. Trabalho considerado sujo, difícil e perigoso” (YAMASHITA, 2001, p. 32, tradução nossa)²⁵. Os contratos assinados só permitem esse tipo de trabalho, que, somado às horas extras diárias e sem folga nos

21 A edição 2038 da revista *Veja*, publicada em 12 de dezembro de 2007, na reportagem especial “O Brasil do sol nascente: os 100 anos da imigração japonesa”, destaca a estagnação da economia do Japão a partir de 1994 e a consequente diminuição do crescimento da população de brasileiros naquele país, que em breve deverá se estabilizar para então diminuir.

22 “Currency markets, national stock exchanges, and commodity speculations move mega-money through national turnstiles at blinding speed, with vast absolute implications for small differences in percentage points and time units.”

23 “Put it all together, it’s 2 billion dollars a year, my friend! Business is Business.”

24 “Arriving in Japan, the contract company sent someone to pick him up, put him up with seven other men in a two-room apartment in a pre-fab tin box bungalow.”

25 “They circle the three Ks. Kitanaí. Kitsui. Kigen. Work designated as dirty, difficult, dangerous.”

fins de semana, resulta em um esgotamento mental e físico do trabalhador. Uma consequência comum entre os operários é a mutilação do corpo, como ocorre com Zé Maria:

Duas semanas depois, ele estava cochilando no trabalho. Os homens que dividiam o quarto com ele roncavam. Estava perdendo sono e emagrecendo. Em vez de perfurar quando devia perfurar, desceu a guilhotina para cortar. Seus dedos estavam no caminho (YAMASHITA, 2001, p. 36, tradução nossa)²⁶.

Acidentes de trabalho como esse são apenas um entre os fatores que, com seu efeito traumático, abalam a autoestima do sujeito diaspórico.

O narrador, assim, chega à conclusão de que o esquema de manipulação descrito por Zé Maria pode ser mais bem qualificado de “armadilha” (YAMASHITA, 2001, p. 33, tradução nossa) para decasséguis: “Com um programa desses, o que um decasségui tem a perder, a não ser sua vida, enquanto todos estão ganhando dinheiro à custa de sua desgraça” (YAMASHITA, 2001, p. 34, tradução nossa)²⁷. Apesar de a reflexão não deixar dúvidas quanto ao caráter falacioso do esquema, o narrador ressalta, em comentário final, que todo decasségui no fundo conhece e aceita o Programa de Sete Pontos, não podendo, portanto, ser simplesmente classificado de “pobre vítima” (YAMASHITA, 2001, p. 34). Eis aqui outra contribuição da obra de Yamashita: a cumplicidade que existe no jogo da globalização, mostrando que não há uma divisão binária simplista entre algozes e vítimas.

Outro conto de Yamashita relevante para a problematização do sujeito diaspórico é “Hantai”. Nele, Sérgio, um decasségui frustrado, se entrega ao alcoolismo e tem surtos de loucura, quebrando móveis e revirando a casa. A família e os amigos procuram um tratamento para Sérgio no Japão, mas não encontram psiquiatras credenciados que falem português. A única psicóloga brasileira conhecida apenas faz aconselhamentos pelo telefone, limitando-se a sugerir que ele volte para o Brasil, onde poderá fazer um tratamento. A história de Sérgio, porém, sugere que as mazelas dos decasséguis possuem razões mais complexas: “O problema é que muita gente vem para o Japão achando que pode fugir de seus problemas. Vir para o Japão só piora as coisas” (YAMASHITA, 2001, p. 95, tradução nossa)²⁸. Dessa forma, com a narrativa de Sérgio, temos mais uma contribuição da obra de Yamashita que rompe a tendência de atribuir todas as aflições dos decasséguis ao Japão e às más condições em que vivem e trabalham, pois o desajuste social da personagem já existia anteriormente. Segundo a narrativa, Sérgio nunca de fato soube o que queria da vida, sempre fazendo aquilo que era vontade de seus pais, japoneses que haviam imigrado para o Brasil. O perfil de Sérgio é realçado pela existência de um irmão que é seu oposto: otimista, cheio de planos e trabalhador. Os conhecidos e amigos da família inevitavelmente se questionam: “Por que os irmãos são tão diferentes?” (YAMASHITA, 2001, p. 96, tradução nossa)²⁹. Assim, a origem de tantos desatinos, apesar das evidências apresentadas, não é precisamente justificada pelo deslocamento, pe-

26 “Two weeks later, He was falling asleep at his job. The men who shared his room snored. He was losing sleep and weight. Instead of drilling when he should drill, he brought down the guillotine to cut. His fingers were in the way.”

27 “With a program like this, what’s a dekasegi got to lose but his life while everyone else is making money out off his disgrace.”

28 “The problem is that a lot of people come to Japan thinking they can run away from their problems. Coming to Japan just makes it worse.”

29 “Why are the brothers so different?”

la terra anfitriã nem mesmo pela família da personagem, permanecendo dotada de certa obscuridade, sem explicações definitivas, uníssonas ou totalizantes.

Os contos de *Circle K Cycles* aqui discutidos pintam um quadro variado no que se refere ao sujeito diaspórico e apresentam cenário complexo de crítica e denúncia de um meio em que as condições de sobrevivência não são favoráveis. O Programa de Sete Pontos e as péssimas condições de moradia e trabalho levam a acidentes de trabalho, alcoolismo, brigas, suicídios e assassinatos. Na diáspora representada em “Three Marias” e “Hantai”, os trabalhadores enviam parte do salário ganho no Japão para os familiares no Brasil, com quem mantêm contato permanente e dos quais sentem falta. Tantos fatores negativos de modo geral fazem que o sujeito diaspórico se posicione de forma arreada no país hospedeiro, ao mesmo tempo que se volta para a terra natal, idealizando-a. A distância e o deslocamento, assim como outros aspectos do contexto contemporâneo e globalizado em que vive o sujeito diaspórico configuram uma série de conflitos no processo de construção identitária. Curiosamente, esses conflitos não são apenas aqueles criados e acontecidos na terra anfitriã, mas são agravados pelos já trazidos da terra natal.

Os dilemas vividos pelo sujeito diaspórico em construção são tão complexos quanto os fluxos culturais globais que o perpassam, resultando em diferença cultural, seja do grupo diaspórico em relação à sociedade em que se encontra, seja dos indivíduos entre si. Dessa forma, demonstra-se que o sujeito diaspórico é, antes de mais nada, heterogêneo.

A heterogeneidade do sujeito diaspórico na era global, marcada por posicionamentos peculiares, nos leva a repensar a noção de que a globalização tem o efeito de homogeneizar o ser humano e destruir a diferença cultural. A julgar pela diversidade retratada com acuidade na obra de Yamashita, a tese da homogeneização não se concretiza, apesar dos artificios homogeneizadores colocados em prática no processo de globalização, como aponta Appadurai (1999, p. 222, tradução nossa): “a globalização da cultura não é o mesmo que sua homogeneização”³⁰. Nos contos investigados, a mobilidade diaspórica, entrelaçada por uma intensa rede de fluxos culturais globais, atinge cada personagem de forma única, resultando em um conjunto de perfis heterogêneos que extrapolam os estereótipos e que, em sintonia com os estudos culturais contemporâneos, desfazem oposições binárias. Seu estudo também nos faz superar uma visão puramente econômica da globalização, expondo questões culturais, sociais e humanas referentes ao sujeito diaspórico na era da globalização.

Já a constatação de que não há homogeneização não equivale a dizer que a globalização não afeta o sujeito diaspórico de modo negativo ou que possua uma influência extremamente positiva sobre a diáspora, como assegura Cohen (1997). As afirmações do teórico nesse sentido se apresentam inconsistentes e até ingênuas se contrastadas às dificuldades vividas pelos sujeitos diaspóricos representados ficcionalmente por Yamashita e que ora analisamos. As adversidades por que passam Zé Maria e Sérgio encontram eco em histórias de crianças na diáspora, matriculadas em escolas incapazes de absorver a diferença cultural, e no subemprego de personagens femininas que, às vezes, acabam enveredando pela prostituição, temas também presentes em *Circle K Cycles*. A exploração desses sujeitos diaspóricos e sua consequente frustração não constituem um cenário otimista da diáspora em tempos de globalização, como vislumbra

Cohen (1997). Cabe-nos lembrar que, no processo de negociação de tradições culturais distintas, o sujeito diaspórico não escolhe exclusivamente uma ou outra. Da forma como Yamashita o constrói, em especial nos contos “Three Marias” e “Hantai”, ele inviabiliza qualquer noção essencialista de sujeito e de identidade.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: DURING, S. (Ed.). *The cultural studies reader*. London; New York: Routledge, 1999. p. 220-230.
- CLIFFORD, J. Diaspora. *Journal of Cultural Anthropology*, Troy, v. 3, n. 9, p. 302-338, 1994.
- COHEN, R. *Global Diasporas: an introduction*. Seattle: Washington University Press, 1997. 228 p.
- KING, A. D. *Culture, globalization, and the World-System*. Minneapolis: Minnesota University Press, 1997. 186 p.
- MACMILLAN *English Dictionary for Advanced Learners*. Oxford: Macmillan, 2007. p. 358.
- MISHRA, S. *Diaspora Criticism*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. 190 p.
- ROBERTSON, R. Globalization and societal modernization: a note on Japan and Japanese religion. *Sociological Analysis*, v. 47, p. 35-43, 1987.
- THE AMERICAN *Heritage Dictionary of the English Language*. 4. ed. Houghton Mifflin Company, 2006. Disponível em: <Dictionary.com <http://dictionary.reference.com/browse/crystallization>>. Acesso em: 23 mar. 2010.
- TOMLINSON, J. Globalization and culture. In: _____. *Globalization and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999. p. 1-31.
- YAMASHITA, K. *Circle K Cycles*. Minneapolis: Coffee House, 2001. 147 p.

BRAGA, C.; GONÇALVES, G. R. Trapped in globalization: the diasporic subject in two short stories by Karen Yamashita. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 44-53, 2011.

Abstract: *In this article we discuss the diasporic subject fictionally represented in two short-stories from Circle K Cycles by the Asian-American writer Karen Tei Yamashita (2001). The stories, which portray a Brazilian diaspora in Japan, are analyzed with the support of globalization and diaspora studies. Once we problematize the global cultural flows and their effect upon the diasporic subject, we argue that the mechanisms of control by globalization often affect diasporic subjects in a distressing way, lowering one's self-esteem, intensifying identity conflicts and even threatening one's physical body.*

Keywords: *diasporic subject; globalization; Karen Tei Yamashita.*